



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

29 e 30 de abril de 2017

Notícias do Dia Especial

“Marcha contra reformas ganha as ruas”

Marcha contra reformas ganha as ruas / Leis trabalhistas / leis previdenciárias / Florianópolis / Paralisação / Getúlio Vargas / Reforma Trabalhista / Reforma da Previdência / Greve geral / Transporte coletivo / UFSC / Barricadas / SC-401 / BR-101 / Via Expressa / Avenida Beira-Mar Norte / Alex Santos / Sintrasm / Polícia Militar / Marcelo Pontes

Editores
ALTAIR MAGAGNIN E RODRIGO LIMA
redacao@noticiasdodia.com.br

NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 29 E 30 DE ABRIL DE 2017

Especial.3



Passada à tarde reuniu cerca de 20 mil pessoas, segundo a organização; 5.000, de acordo com a Polícia Militar



Bandeira do Brasil chamou a atenção em meio ao tom vermelho da maioria dos manifestantes



Pneus queimados na saída do túnel, ao amanhecer

Marcha contra reformas ganha as ruas

Reação a mudanças nas leis trabalhista e previdenciária altera a rotina de Florianópolis; dia é marcado por paralisações e protestos

FÁBIO BISPO
fabiobispo@noticiasdodia.com.br

“Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente.” Parafrazeando um trecho da carta testamento de Getúlio Vargas, de 1954, manifestantes cruzaram as principais ruas e avenidas de Florianópolis, na tarde dessa sexta-feira, repercutindo o desfecho da reforma trabalhista, aprovada na Câmara dos Deputados na quarta-feira, e alertando sobre o mesmo destino que deverá ter a reforma na Previdência.

A greve geral atravessou a rotina da cidade – que para muitos se resume basicamente em casa-trabalho-casa – ainda na madrugada, com a paralisação do transporte coletivo. Aos primeiros sinais do amanhecer, barricadas com pneus e lixeiras queimadas bloquearam acessos em diversas áreas da região. Quem tentou chegar ao aereo-

porto Hercílio Luz, cruzar a rótula da UFSC no Pantanal ou passar pelo Morro da Lagoa, se deparou com as barricadas. A SC-401, no Norte da Ilha, e a BR-101, próximo ao acesso à Via Expressa também foram bloqueadas.

A caminhada começou pela manhã, com um grupo de cerca de 300 pessoas pelas ruas centrais de Florianópolis. Foi ganhando força, ao passo que os manifestantes iam acordando a cidade.

O comércio não conseguiu abrir no horário e Guardas Municipais chegaram a intervir com spray de pimenta quando um grupo tentou impedir a abertura de algumas lojas. Quem não teve alternativa, pagou até R\$ 8 nas vans disponibilizadas pela prefeitura, que começaram a circular só às 7h, uma hora depois do anunciado.

Por volta das 17h, o ato chegava ao ápice, quando a multidão que cruzou a avenida Beira-Mar Nor-

te desde o Ticen chegou à avenida Mauro Ramos. “Naquele momento, a manifestação já tinha 20 mil pessoas. Foi uma adesão espontânea”, afirmou Alex Santos, do Sintrasm (Sindicatos dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal), que revezou o microfone com outras lideranças durante as quase três horas de caminhada. “Quando uma passeata em que se esperava pouco mais de 1.000 pessoas toma essa proporção, se percebe que a indignação do povo transbordou”, emendou o sindicalista.

A Polícia Militar apresentou números diferentes dos da organização. Informou que não havia mais de 5.000 pessoas protestando. O comandante do 4º Batalhão da PM avaliou positivamente o protesto. “A população colocou a sua opinião de forma pacífica, tivemos apenas um incidente de lixeiras queimadas na Mauro Ramos no final do ato”, afirmou coronel Marcelo Pontes. ●

“

A população colocou a sua opinião de forma pacífica, tivemos apenas um incidente de lixeiras queimadas na Mauro Ramos no final do ato.”

Marcelo Pontes,
Tenente-Coronel

Leia mais de
PÁGINA 4 A 17

Notícias do Dia Plural

“E o teatro negro no Brasil?”

E o teatro negro no Brasil? / Livros / Teatro brasileiro / João Roberto Faria / Editora Perspectiva / Companhia Negra de Revistas / Rio de Janeiro / São Paulo / Teatro Experimental do Negro / TEM / Dicionário do Teatro Brasileiro / Jacó Guinsburg / Mariangela Alves de Lima / Coletivo NEGA / Negras Experimentações Grupo de Artes / Udesc / Coletivo Kurima / UFSC

E o teatro negro no Brasil?

É preciso atualizar os livros sobre história do teatro brasileiro e dizer que ele existe e resiste

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE*

Em dois volumes recentes sobre a história do teatro brasileiro, “História do Teatro Brasileiro” (v. 1: das origens ao teatro profissional da primeira metade do século XX e v. 2: do modernismo às tendências contemporâneas), organizados por João Roberto Faria e publicados pela Editora Perspectiva, há apenas duas rápidas menções ao teatro negro, que juntas não somam duas páginas, das quase mil que os compõem. Parece-me que o teatro brasileiro é (ou pretende ser) branco e europeu, ou que o teatro feito por negros (e índios, vale lembrar) não tem relevância para a história do teatro no nosso país. Quantos são os cursos de artes cênicas e teatro em nossas universidades que discutem e enfatizam o teatro negro em seus currículos?

No primeiro volume sobre a história do teatro brasileiro, registra-se a existência da Companhia Negra de Revistas, que surgiu em 1926, com músicos e artistas negros do Rio de Janeiro e de São Paulo. A Companhia é descrita como “mais do que

uma experiência típica ou curiosa”, o que soa de certa forma preconceituoso. Mas, lê-se em seguida, que a Companhia Negra de Revistas marcou uma “forte tendência de se construir uma identidade nacional mestiça, pois os espetáculos valorizavam a cultura negra mostrando-a como um dos símbolos nacionais”. A Companhia lutava para dar visibilidade ao negro no cenário cultural e, talvez, só tenha recebido a devida atenção depois que essa cultura “exótica”, como se lê no livro, começou a fazer sucesso em Paris.

Lembro que, por muitos anos, os negros foram representados por brancos nos palcos. Além disso, eram representados de forma caricaturada e preconceituosa.

No segundo volume da “História do teatro brasileiro”, ganha destaque o Teatro Experimental do Negro (TEN), que nasceu no Rio de Janeiro, em 1944, e “possuía intenções muito abrangentes, para além da área teatral”.

E depois do Teatro Experimental do Negro? Não há teatro negro no século atual?

“O Dicionário do teatro brasileiro” (Perspectiva), coordenado por João

Roberto Faria, Jacó Guinsburg e Mariangela Alves de Lima, é um pouco mais generoso com o Teatro do Negro: a ele dedica um verbete de quase quatro páginas, num livro de 345 páginas. O verbete fala mais especificamente sobre o Teatro Experimental do Negro, que visava “traduzir o amplo espectro das experiências e da memória do negro brasileiro”. Mas lembra que o TEN não conseguiu incluir o negro como espectador. E hoje os negros já são espectadores?

Talvez fosse o momento de atualizar os livros sobre história do teatro brasileiro e informar ao leitor que o teatro negro ainda existe e resiste. Como não mencionar dois Coletivos do Estado que têm como objetivo investigar as expressões e manifestações da cultura afro-brasileira nas artes cênicas e promover a sua visibilidade no contexto social e universitário? O Coletivo NEGA (Negras Experimentações Grupo de Artes), da Udesc, e o Coletivo Kurima, da UFSC, cumprem esse papel por aqui. Cabe agora investigar como está o teatro negro Brasil afora.



* Professora de artes cênicas na Universidade Federal de Santa Catarina.

**Informativo UniSantos (Universidade Católica de Santos)
Março-Abril/2017 – Ano 39 – Nº 329**

“Bióloga conquista vaga em programa de pós de federal”

Bióloga conquista vaga em programa de pós de federal / UFSC /
Universidade Federal de Santa Catarina / Ciências Biológicas / UniSantos /
Emanoele Copini / Programa de Pós-Graduação em Biologia de Fungos,
Algas e Plantas / Maria Gomes Machado

**Bióloga conquista
vaga em programa
de pós de Federal**

Recém-formada pelo curso de Ciências Biológicas da UniSantos, Emanoele Copini foi aprovada no Programa de Pós-Graduação em Biologia de Fungos, Algas e Plantas, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Focada na pesquisa, a ex-aluna sempre esteve envolvida em projetos na área de micologia junto ao Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas (IPECTI), sob a orientação da professora doutora Kátia Maria Gomes Machado, coordenadora do curso.

No mês de outubro do ano passado, ela apresentou o resultado de pesquisa, fruto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no Congresso Brasileiro de Micologia e no Congresso Brasileiro de Microbiologia, em Santa Catarina.

Divulgação



Formada em 2016,
Emanoele Copini ingressou
no programa de pós da UFSC

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

29/04/17

[Livro de estreia de Nathalie Sarraute mostra visão perturbadora da infância](#)

[Livro traça perfil sobre a cultura hip hop em Florianópolis e Lisboa](#)